



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

WINNIE JENIFER MORENO CÂNDIDO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-406

Entrevistado: Winnie Jenifer Moreno Cândido

Nascimento: 31/01/1994

Local da entrevista: Universidade de Caxias do Sul

Entrevistador/a: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 10/04/2014.

Transcrição: Natália Bender

Copidesque e Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 22 minutos e 36 segundos.

Páginas Digitadas: 10

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade* produzida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação esportiva; Como começou a jogar profissionalmente; Sustento; Satisfação pessoal pelo esporte; Transição do handebol de escola para o handebol profissional; Quando se deu conta de que queria ser atleta profissional; Inserção no time; Apoio da família; Adaptação à rotina de treinos; Relação do público como Handebol; Interesse dos meios de comunicação em divulgar o Handebol; Repercussão da conquista do Campeonato Mundial dada pela mídia; Frustrações da carreira; Sonho de jogar na Seleção Brasileira; O que poderia dar mais visibilidade ao Handebol; Significado de ser profissional do Handebol; Incentivo para quem está iniciando; Considerações Finais.

Porto Alegre, 10 de abril de 2014. Entrevista com Winnie Jennifer Moreno Cândido a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Winnie, conta um pouquinho para mim, como foi o teu início no esporte, a tua história no Handebol?

W.C. – Bem, eu comecei a jogar handebol na escola, na minha cidade, Rosário¹. A minha irmã também jogava, mas eu não gostava. Cheguei a dizer que eu nunca iria jogar handebol, por que não gostava mesmo. Só que nas aulas de Educação Física o professor me incluiu no grupo, porque eu era alta, tinha porte para jogadora, comecei a gostar e acabei jogando. Só joguei no período escolar mesmo, porque profissional assim, aqui² foi à primeira vez. Joguei até os meus dezessete anos pela escola, depois acabou a minha idade escolar, eu não pude mais competir em campeonatos escolares e tal. Minha alternativa para continuar jogando handebol, foi ir para universidade, no caso jogar e estudar.

S.A. – Como é que era o nome da tua escola em Rosário?

W.C. – Eu estudei em duas, no Ruy Ramos³ e no Plácido de Castro⁴.

S.A. – E tu continuaste jogando quando tu entraste na faculdade?

W.C. – Sim, escolhi vir para cá⁵, porque era o único lugar onde tinha handebol, que eu conhecia no caso. Tenho familiares por aqui, então seria mais fácil vir para cá, para jogar aqui. Consegui chegar no time.

S.A. – No fim então o handebol te trouxe para cá?

¹ Rosário do Sul (RS).

² Equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

³ Instituto Estadual de Educação Deputado Ruy Ramos, Rosário do Sul (RS).

⁴ Escola Estadual Plácido de Castro, Rosário do Sul (RS).

⁵ Universidade de Caxias do Sul.

W.C. – É, foi mais pelo handebol, não foi tanto pela opção de faculdade no caso, porque perto de Rosário tem faculdades, mas é que lá não tem nenhum time assim, profissional e possa seguir jogando na fase adulta.

S.A. – E já atuou em algum outro clube?

W.C. – Não, nenhum. Só escolar mesmo, lá não tem nenhum clube que nem aqui.

S.A. – Hoje tu vives exclusivamente do handebol ou tu tens algum outro auxílio financeiro para se manter?

W.C. – Vamos dizer que eu vivo exclusivamente do handebol sim, porque eu não trabalho em outro local.

S.A. – Você já obteve o auxílio Bolsa Atleta?

W.C. – Não, nunca tive o auxílio Bolsa Atleta.

S.A. – E já foi convocada alguma vez para a Seleção?

W.C. – Também não. Pela idade, só adulta no caso, e isso seria meio complicado.

S.A. – O que o handebol já te proporcionou de bens materiais, tu já conseguiste comprar alguma coisa? O que ele já te proporcionou?

W.C. – Me proporciona muitas coisas, mais em questão de emocional no caso. Em satisfação por mim mesmo. Eu adoro handebol, se não fosse por ele eu não estaria aqui, eu só vim para cá por causa do handebol, acabei me apaixonando pelo esporte. Em questão material, não muito, mas eu até nem faço questão, é mais sentimental mesmo, eu prefiro que seja sentimental, mas se fosse, se eu precisasse, se ele me dissesse que eu não receberia nenhum auxílio eu não me importaria com isso, viria igual.

S.A. – E quando tu consideraste assim ter passado do handebol de escola, aquele handebol mais que tu joga por lazer, para um handebol de rendimento, que exige outras questões?

W.C. – É bem mais puxado, no meu caso, não tenho muita formação de base no handebol como é aqui o time. O time profissional é uma situação bem diferente, as meninas que jogam aqui geralmente vêm de clube e cada cidade tem o seu clube, então é um ensino diferente. O handebol de escola é básico, bem básico, eles não ensinam nada muito além e eu aprendi o básico. Então para chegar aqui com a minha idade, eu já estava um pouco velha, eu cheguei com dezessete, quase dezoito e foi muito difícil. As outras meninas do time já estavam bem avançadas e jogam pelo adulto. Quando cheguei eu era juvenil ainda, mas teria que treinar com o time adulto. Para isso teria que me igualar a elas para poder seguir no time e conseguir algum espaço. Cheguei aqui faz dois anos e eu me sinto bem, só que ainda tenho muito para crescer, muito que aprender. È que me cobro muito, que eu não sou do mesmo nível delas, eu sei disso, eu quero chegar a ser, nem que seja tarde demais, mais velha, mas eu quero ter um nível que dê para considerar, entende, para um time profissional. Eu acho que tem vezes que eu deixo a desejar, mas tem vezes que eu me puxo bastante sim, e tem que se puxar, que eles cobram, eles cobram isso, porque é um time profissional, então você tem que ter vontade, você tem que querer. Eu acho que eu quero que gosto.

S.A. – Quando é que você se deu conta disso: “Eu quero o handebol, e eu quero ser uma atleta do handebol”?

W.C. – Acho que me dei conta a partir do momento que terminei de fazer o ensino médio. Quando me formei no ensino médio, já tinha pensando em continuar com o handebol. Como tive a chance de vir para cá, até porque tenho família aqui, uma tia minha, nem pensei duas vezes. Foi bem mais fácil, me sinto privilegiada, porque para mim é uma situação mais fácil. Tem meninas que vem e que não tem tantas chances assim como eu, tenho que aproveitar, não posso jogar fora, não penso em desistir ainda não.

S.A. – Tu chegaste a fazer alguma peneira ou já tinha alguma colocação no time?

W.C. – Eu fiquei um ano em treinamento, para falar a verdade, treinando sem auxílio algum. Mas me deixaram treinar um ano, e isso já é um auxílio bem grande. Têm técnicos que se vê que tu não tens habilidade, eles já falam: “Ó, não vai dar”. Mas eles foram bem legais, me deixaram ficar um ano aqui, tiveram paciência, tanto comissão técnica quanto as atletas. Porque como disse, cheguei tarde, então tive que aprender muita coisa, muita coisa mesmo, errei bastante e eles tiveram muita paciência com isso. Por isso eu sou agradecida a eles.

S.A. – É federada?

W.C. – Eu não sei, mas já joguei com elas ano passado, joguei a Liga Nacional e a Copa Mercosul.

S.A. – Como é que a tua família encarou essa escolha de se dedicar ao handebol?

W.C. – Bem, quanto ao esporte eles adoraram, o que torna difícil é a distância. No caso a minha irmã me apoiou bastante, desde o início, porque ela sempre gostou do esporte. Ela tem uma admiração por eu ter tido coragem de vir para cá, ficar sozinha, mas a minha mãe já não aceita muito, em função de ser longe, por eu ser a mais nova. Acho que ela sente muita falta. Fora isso, até que ela me apoia bastante, me apoia mesmo. A minha tia que mora aqui adora, porque estudo e pratico handebol, não faço só em uma atividade, entende? Não pelo fato de trabalhar e receber, mas pelo fato de me ocupar, não ficar pensando muito em casa, que é longe, aí já é uma coisa a mais, um prazer a mais, uma vontade a mais.

S.A. – E como é tua rotina de treinos, treinarem todo dia, faculdade, família. Conta um pouco como funciona.

W.C. – É bem corrido. Para mim já é mais difícil, porque as outras meninas, elas moram mais pertinho. Caxias é grande e moro do outro lado da UCS, então pego dois ônibus. Às vezes chego meia noite em casa. Tenho aula pela manhã, tenho aula de tarde, às vezes treino antes da aula, às vezes após a aula, é corrido. E nesse semestre estou fazendo seis disciplinas, são muitas, mas como quero terminar o curso rápido, optei por ser corrido

mesmo. Até porque não está pesando muito sabe, mas no início, quando cheguei, foi bem difícil, não conhecia a cidade, tive que me adaptar rápido. A rotina de treinos é bem puxada, porque tem que ser puxado, é um time profissional, a gente tem que treinar firme sempre. Às vezes a gente acaba faltando aula ou não quer mais ir. No handebol nunca canso de ir, por mais que seja difícil, por mais que eu tenha errado alguma coisa ou tenha algum medo de perguntar, porque eu sou muito tímida, eu tenho muito medo de perguntar as coisas. Mas eu tenho me adaptado bem, então não foi tão difícil, talvez os primeiros meses, mas depois consegui pegar o ritmo direitinho.

S.A. – Como é que tu vê a relação do público em relação ao handebol feminino?

W.C. – No geral não vejo muito prestígio, mas aqui em Caxias a gente tem algum grupo que se dedica muito, a gente sempre procura chamar o pessoal quando tem jogo, isso eu acho muito legal, eles envolvem os pais das pequenas⁶, é uma torcida a mais, porque na minha cidade não existe handebol, só futebol, e acho que em qualquer cidadezinha pequena é assim também. Nas férias, quando vou para minha cidade, a gente procura chamar, para ver, ter uma tradição, mas é difícil porque o handebol não tem fama como o futebol. Mas aqui eu sinto que o pessoal gosta, até admira, mesmo não conhecendo muito, porque aí te perguntam: “Você joga vôlei? Você joga basquete? pela altura.” Ai eu falo não, eu jogo handebol. “Ah, handebol”. A gente explica tudo e eles ficam fascinados com o esporte. Acabam ficando bastante interessados. Isso é legal, muito legal. Ajuda também porque estamos sempre nas notícias, tem lugares que é difícil tu poderes mostrar, que nem no jornal e em sites, porque o pessoal não quer saber, só querem saber do que importa futebol no caso, que é o esporte predominante na cidade, ou em qualquer lugar. Mas aqui temos espaço na mídia local, o pessoal apoia, se interessa bastante.

S.A. – Como tu vê o interesse dos meios de comunicação em relação ao handebol de um modo geral?

W.C. – Na verdade não vejo muito. Mas o fato de as meninas terem ganhado o mundial, até tem aparecido alguma coisa na televisão. A gente vê muito no Facebook, mas é porque curto as páginas de handebol, são várias páginas, mas não muito conhecidas. Agora na

televisão não passa quase nada, a RBS⁷ local, eu não vejo Handebol. Tem muita coisa no nosso site pela UCS e a página no Facebook, fazendo a divulgação dos jogos. O pessoal curte bastante, se interessa às vezes, mas quando tem jogos aqui em casa, poucos aparecem. Por outro lado, tem o público de sempre, pais, as jogadoras, as pequenas, a gente convida alguns amigos. Quando eles vêm no jogo e acabam mudando de ideia, porque o jogo é bem corrido, rápido, então é interessante e acabam gostando. Mas em relação aos meios de comunicação, são poucos e o mais importante, para mim, acho que a televisão é o que dá mais visibilidade, eu não vejo muito, só vejo pela Seleção Brasileira, no caso.

S.A. – Só quando ganha alguma coisa muito grande.

W.C. – É, quando ganha alguma coisa muito importante. O que é bem difícil, porque se não, não tem como tem no futebol. No futebol, qualquer time, não vou dizer qualquer time, mas digamos, os times de cidade pequena, eles tem espaço separado para falar sobre futebol em qualquer programa, em qualquer não, mas os principais. No handebol não, não tem mesmo, e isso é bem ruim, para nós, a gente que joga, eu mesmo, eu falo, eu não gosto de futebol. Pelo fato de não saber jogar, eu acho bonito quem joga, eu respeito muito. Não gosto por roubarem toda a fama para eles. Agora o handebol, é um esporte muito bom, vale muito quem se interessar, aprender, a conhecer mais.

S.A. – E o handebol já te deu alguma frustração?

W.C. – Frustração? Várias. Derrotas, por exemplo, eu jogo aqui, mas durante o verão eu jogo *handbeach* que é handebol de areia. Esse ano a gente perdeu um campeonato que tínhamos grande chance de ganhar, porque o time era muito bom. Para um time do Rio Grande do Sul era um time bom. E não ganhando é uma frustração muito grande, porque tu sabes que poderia ter dado mais, ou quando eu não entro em jogo aqui, é claro que eu sei, eu entendo que tem muitas com melhor nível que eu, mas a gente sempre tem aquela expectativa a mais, sempre. Mas em relação a alguma frustração maior assim, eu não tenho não, só coisas de jogo, ou campeonatos que a gente não ganha, porque querendo ou não,

⁶ Categorias de base.

⁷ Rede Brasil Sul de Comunicação.

quando a gente entra em um campeonato, a gente sempre quer ganhar ou conseguir um lugar onde a gente sabe que deu o nosso máximo, se a gente não deu o nosso máximo é porque alguma frustração teve no nosso interior.

S.A. – E qual o teu maior sonho dentro do Handebol?

W.C. – Seria a Seleção brasileira, mas eu não vejo como um sonho, uma meta a ser batida. Para mim, estando onde estou, estou bem, porque para mim já é uma grande conquista, porque eu sou de cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul. E o Rio Grande do Sul não tem muitos times de handebol, muito menos lá para cima, para os lados da minha cidade, na minha região, então estando aqui já é muito bom. Mas se eu pudesse, eu iria muito mais longe, ou até em outro time, mas prefiro ficar aqui, perto de casa, no meu estado e jogando pelo meu estado, é maior orgulho.

S.A. – Em sua opinião, o que poderia ser feito para o handebol feminino ser mais valorizado, ter mais visibilidade, conseqüentemente ter uma melhor renda e/ou remuneração.

W.C. – Eu acho que o que poderia ser feito, e ter mais prestígio por parte do prefeito, ou mesmo do pessoal que tem o poder sabe, quem pode investir no handebol. Porque não é só para o time adulto, também tem a iniciação, tem os pequenos. Com isso a gente pode tirar muita criança das drogas, ou de algum caminho errado, o esporte é um caminho a mais para salvar as crianças. Com o apoio do governo seria muito bom e o povo em geral também, porque eles têm que ter essa visão de que o esporte é uma coisa muito boa, que traz coisas boas para todo mundo, não ser só para a gente que joga, a gente já sabe, eu gostaria que todos soubessem como é bom estar se envolvendo no esporte, mas eu acho que isso é meio difícil. Porque não é só o handebol, têm várias outras áreas que tem o mesmo intuito, tem a mesma vontade de ter essa visibilidade, esse apoio de todo mundo, do governo, do pessoal que tem poder, o apoio das empresas. Nós até que temos bastante apoio, porque o Brasa⁸, a equipe aqui sabe, corre atrás e luta bastante para conseguir um bom valor para poder manter o time. E não é fácil, a gente sabe que não é fácil, a gente como atleta sabe que não é fácil.

S.A. – Para você o que é ser uma profissional do Handebol?

W.C. – O que é ser? Eu acho que é te dedicar cem por cento, no que tu vais fazer, estar ali quando precisar, ter vontade de treinar, ter vontade, sabe, amar aquilo que tu estas fazendo. Se tu te propuseste a jogar, a vir aqui, ficar aqui todos os dias treinando, e competir, eu acho que tu tens que dar o teu máximo, mesmo que às vezes tu estejas mal. Tem dias que tu não fazes o que te propôs, sei lá. Não faz o gol, não acerta a defesa, coisas assim. Não pode desistir, e uma profissional do handebol tem que ter muita garra, muita raça, muita vontade, tu tens que ter muito amor pelo handebol. O importante é que tu tens que estar ali sempre, querendo sempre, porque o fato de tu dizer: “Ah, a gente joga, a gente sabe que a gente gosta e que a gente ama”. Mas também queremos mostrar para todo mundo o que queremos no esporte, então a gente tem que estar ali para mostrar uma coisa bonita, uma coisa que o pessoal vai gostar, vai olhar e vai achar show, vai achar bonito, lindo, e vai gostar, se apaixonar como a gente.

S.A. – O que tu dirias para uma menina que está iniciando no handebol, e que tem o sonho de ser uma atleta do handebol?

W.C. – Eu diria para não desistir, nunca, porque eu acho que se tu tens um sonho, se aquela vontade está no teu coração, é porque tu podes conseguir. Porque eu mesma, eu sempre tive vontade de jogar handebol, consegui tarde, mas consegui e eu não desisto. Eu sempre falo para mim: “Já estou aqui a dois anos, eu não vou desistir agora que já estou aqui, não vou desistir agora, não tem porque desistir.” Então eu acho que tu tens que ser forte, ter muita força de vontade, vontade de conseguir as coisas, de estar ali, de mostrar para eles que tu podes, tu tens que dar o teu máximo sempre, sempre mesmo.

S.A. – Winnie, alguma coisa que eu não te perguntei, que tu gostarias de falar?

W.C. – Não, acho que nada.

⁸ Rafael Santos, integrante da comissão técnica da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

S.A. – Complementar alguma coisa? É isso. Então no meu nome, em nome do Centro de Memória do Esporte, eu agradeço a oportunidade de te entrevistar.

W.C. – Obrigada, eu também agradeço por estar sendo entrevistada.

[FINAL DA ENTREVISTA]